



cinemateca

**AUDRY,**  
**JACQUELINE AUDRY**

em colaboração com a 22ª Festa do Cinema Francês e o Institut Français  
outubro 2021

**J**acqueline Audry (1908-1977) foi uma realizadora ativa em meados do século XX e uma realizadora de filmes atentos às perspectivas das mulheres por via de personagens marcadas pela emancipação, a única com uma produção regular na França da época: uma curta documental e dezasseis longas de ficção realizadas entre 1943 e 1969, produção que considerava insuficiente, e que atravessou a cronologia do cinema francês sob Ocupação, o da Quarta República e o da Nouvelle Vague. Desalinhada do cinema francês do pós-guerra e da posterior vaga trazida pelos “jovens turcos” dos Cahiers du cinéma (“Demasiado libertina para a crítica dos anos 1950, demasiado ‘qualité française’ para a Nouvelle Vague”, nota Tania Capron), desapareceu do radar nas décadas seguintes, sem que se notasse a marca da irreverência sob o filtro cuidado das produções.

A atitude livre, a perspectiva transgressora, a sexualidade, um olhar feminista (historicamente situado no rasto da vanguarda de Germaine Dulac) estão presentes na filmografia que sublinha o perfil irreverente das suas protagonistas – quase invariavelmente mulheres –, mas também um sentido de mise-en-scène, a curiosidade da alegria e do humor, um trabalho inspirado com os intérpretes. Inclinada para a subversão dos códigos, a sua obra abarca a disparidade do filme de época (com predileção pela Belle Époque), da comédia dramática, “de capa e espada”, do road movie. Sobre o percurso firmado num mundo eminentemente masculino, Audry sintetizou: “Toda a minha vida profissional foi uma espécie de torneio, tive de guerrear muito.” Sobre os filmes, notou retrospectivamente como “tiveram por objeto as relações passionais entre os seres”.

Da biografia, retenha-se que cresce numa família de tradição republicana, ao lado da irmã, a romancista, ensaísta e feminista militante Colette Audry, que vem a ser sua colaboradora, tal como o argumentista Pierre Laroche, com quem casa. Antiquária antes de se iniciar no cinema no início da década de 1930, Jacqueline Audry é primeiro anotadora e montadora, depois assistente de realização de Pabst, Jean Delannoy, Georges Lacombe, Max



Ophüls ou Maurice Cloche. Com o documental LES CHEVAUX DU VERCORS (1943) abre caminho às ficções assinadas entre 1945 (LES MALHEURS DE SOPHIE, uma adaptação do livro homónimo da Condessa de Ségur) e 1969 (LE LIS DE MER, a partir de Vanina de André Pieyre de Mandiargues). Reincidindo em adaptações literárias, parte de romancistas como, além da Condessa de Ségur e Colette Audry (de quem adapta a peça Soledad em FRUITS AMERS, 1966), Colette (a trilogia de 1950-56 GIGI, MINNE, L'INGÉNUE LIBERTINE e MITSOU) e Dorothy Bussy (OLIVIA, 1951). São dos seus filmes mais estimados, a par de HUIS-CLOS (1954) e LA GARÇONNE (1957), a partir de Jean-Paul Sartre e Victor Margueritte. Para televisão, realiza uma série de 13 episódios temáticos intitulada "Le Bonheur conjugal" (1965), e um último trabalho, correalizado em 1973 com Wojtek Solarz, "Un grand amour de Balzac".

A obra de Audry tem reclamado a atenção em anos recentes, seja graças aos esforços de realizadores como Bertrand Tavernier (VOYAGE e VOYAGES A TRAVERS LE CINÉMA FRANÇAIS, 2015/18) e Mark Cousins (WOMEN MAKE FILM, 2018), seja à digitalização e consequente divulgação alargada do seu filme OLIVIA, seja a estudos como o que lhe dedicou Brigitte Rollet (Jacqueline Audry La femme à la caméra, 2015), que nota como "Jacqueline Audry encarna o exemplo típico de uma cineasta à frente dos costumes e práticas do seu tempo". É também Rollet quem assinala o traço do anticonformismo e sintetiza: "A cineasta dá início [nos seus primeiros trabalhos realizados durante a guerra e no imediato pós-guerra] a um jogo constante com as aparências, os papéis e as identidades, quer se trate da liberdade mantida com os textos adaptados, com os géneros cinematográficos escolhidos ou com a espécie de jogo das escondidas que é tentador resumir deste modo: estar simultaneamente onde é esperado e frustrar as expectativas."

Num primeiro olhar da obra de Jacqueline Audry em Portugal (onde apenas dois dos seus filmes estrearam comercialmente: C'EST LA FAUTE D'ADAM / ADÃO TEVE A CULPA, 1957 e LE SECRET DU CHEVALIER D'ÉON / O SEGREDO DO CAVALEIRO D'ÉON, 1959), a retrospectiva integra os títulos atualmente disponíveis para projeção. Todos os filmes são primeiras apresentações na Cinemateca, exceto HUIS-CLOS, mostrado em abril numa sessão de antecipação do Ciclo, organizado pela Cinemateca em colaboração com a 22ª Festa do Cinema Francês e o Institut Français.



► **Sexta-feira [8] 21:00 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Quarta-feira [20] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

## OLIVIA

de Jacqueline Audry

com Edwige Feuillère, Yvonne de Bray, Simone Simon, Suzanne Dehelly, Marie-Claire Olivia

França, 1950 – 95 min legendado eletronicamente em português | M/12

Filme-chave na obra de Jacqueline, escrito com a irmã Colette Audry e dialogado por Pierre Laroche a partir de um romance de Dorothy Bussy, é um retrato do despertar da sexualidade juvenil de extrema sensibilidade, que aborda o desejo lésbico dispensando juízos e preconceitos. Mais referida pelo desassombro narrativo, a quinta ficção da

realizadora é reveladora da peculiaridade da sua visão, mise-en-scène ou direção de atores (no caso, exclusivamente atrizes). A história é a de Olivia (interpretada por Marie-Claire Olivia): uma adolescente inglesa ingressa numa escola francesa de raparigas no século XIX e apaixonou-se por uma de duas mestras (as personagens de Edwige Feuillère e Simone Simon), amantes ou ex-amantes que entre si disputam a atenção das alunas. Especialmente polémico na época, em que fez escândalo e despertou violência crítica, tornou-se a mais conhecida obra da realizadora. “Um filme raro em todos os sentidos – belo, precioso, secreto” (Camille Nevers, *Libération*). A apresentar em cópia digital.



LES MALHEURS DE SOPHIE

► **Sábado [9] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Segunda-feira [11] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

## LES CHEVAUX DU VERCORS

de Jacqueline Audry

França, 1943 – 18 min / legendado eletronicamente em português

## LES MALHEURS DE SOPHIE

de Jacqueline Audry

com Madeleine Rousset, Marguerite Moreno,

Michel Auclair, André Alerme, Colette Darfeuil

França, 1945 – 71 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 89 min | M/12

LES CHEVAUX DU VERCORS é a estreia de Jacqueline Audry na realização e única das suas incursões documentais, no fim dos estudos no Centre artistique et technique des jeunes du cinéma, em Nice, onde terá sido a primeira mulher a estudar realização. A curta-metragem fixa-se nos cavalos do maciço do Vercors, na Camarga francesa, na transumância, na vastidão das pradarias. Audry volta à paisagem provençal da Camarga em LA CARAQUE BLONDE (1953), “um drama rural, história de rivalidade entre os pastores e os cultivadores de arroz” com “planos únicos no cinema francês de aventuras” (Bertrand Tavernier), por vezes referido como um western francês. Como primeira longa-metragem, assina em LES MALHEURS DE SOPHIE uma comédia dramática a partir do romance da Condessa de Ségur (1858), numa adaptação livre (da sua irmã Colette Audry) que descarta a perspetiva infantil, retrata a jovem Sophie como uma adulta independente na segunda parte do filme e privilegia um tom feminista. De produção atribulada, dificultada pelos entraves da censura de Vichy ao argumento sobre cujos infortúnios Pierre Laroche publicou um texto elucidativo (*Les malheurs d'un scénario*), o filme

é rodado na primavera de 1945 e estreia no ano seguinte. Pode ser considerado um filme-matriz, “o embrião do que se tornará a marca da realizadora, uma maneira de contornar as regras, frustrar as expectativas e desconsiderar as convenções” (Brigitte Rollet).

▶ **Sábado [9] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

▶ **Terça-feira [12] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

## MINNE, L'INGÉNUE LIBERTINE

de Jacqueline Audry

com Danièle Delorme, Franck Villard, Jean Tissier, Armontel, Simone Paris, Yolande Laffon

França, 1950 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Segundo dos três filmes de Audry adaptados de Colette por Pierre Laroche (GIGI, 1948; MINNE, L'INGÉNUE LIBERTINE, 1950; MITSOU, 1956), que além do trabalho recorrente com a realizadora, foi argumentista/dialoguista de Carné, Feyder, Grémillon, Geroges Lautner ou Gilles Grangier. Como GIGI e MITSOU, é protagonizado por uma fabulosa Danièle Delorme, que alcançou uma popularidade extraordinária nos filmes de Audry. A história desta “libertina ingénua” é filmada com uma surpreendente desenvoltura na abordagem do desejo e da sexualidade feminina, um motivo já de si extraordinário num romance de 1909 (*L'ingénue libertine*), mas não menos original no cinema francês dos anos 1950. Nas suas VIAGENS PELO CINEMA FRANCÊS, Bertrand Tavernier nota como Audry o faz ao arrepio da época, com o máximo da elegância e o mínimo do recato, recorrendo a uma “espécie de montra açucarada”, isto é, “dissimulando-se por detrás dos encantos da Belle Époque, por detrás de cenários bastante elegantes, de um guarda-roupa muito sofisticado”.

▶ **Quarta-feira [13] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro**

▶ **Sexta-feira [15] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

## HUIS-CLOS

de Jacqueline Audry

com Arletty, Gaby Sylvia, Franck Villard, Nicole Courcel, Yves Deniaud, Danièle Delorme, Jean Debucourt

França, 1954 – 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A partir da obra original de Sartre (com quem Colette Audry trabalha na revista *Temps modernes*), esclarece o plano inicial: “É o inferno segundo Jean-Paul Sartre. Nem chamadas... nem instrumentos de tortura. Nem suplícios físicos... e os carrascos são aqueles cuja presença nos é infligida. O inferno são os outros!” Rodado em Paris e na Côte-d’Azur, é o filme em que três seres entre si desconhecidos, Inès (Arletty), Garcin (Franck Villard) e Estelle (Gaby Sylvia), são fechados no mesmo compartimento que será murado, compreendendo a maldição individual na companhia inelutável dos restantes e das memórias de cada um. Estas, terrenas, surgem visuais e sonoras no ecrã que se abre entre as cortinas da janela da sala de estar, como um ecrã de cinema. A ideia da projecção



MINNE, L'INGÉNUE LIBERTINE

cinematográfica é verbalizada pelo “mordomo” que, sendo preciso, surge na sala de estar dos três seres até que a câmara suba num último movimento que fixa o infernal cenário entre os vapores do lugar dos condenados a penas eternas. A apresentar em cópia digital.

▶ **Quinta-feira [14] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

▶ **Segunda-feira [18] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

## L'ÉCOLE DES COCOTTES

de Jacqueline Audry

com Dany Robin, Fernand Gravey, Bernard Blier,

Odette Laure, Darry Cowl, Jean-Claude Brialy

França, 1957 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A partir da peça de vaudeville de Paul Armont e Marcel Gerbidon (argumento de Pierre Laroche), nova incursão de Jacqueline Audry na *Belle Époque* e em retratos de mulheres emancipadas (como nas adaptações de Colette, GIGI, MINNE e MITSOU). Ginette vive modestamente com o jovem pianista interpretado por Jean-Claude Brialy, sendo seduzida para uma vida cortesã por um aristocrata tornado professor “de boas maneiras”. Tudo se passa numa frívola Paris, em tom de comédia ligeira e desfecho melancólico. É dos primeiros trabalhos de Brialy, no mesmo ano em que filma com Pierre Kast, Louis Malle e Claude Chabrol. A protagonista é interpretada por Dany Robin, que se torna conhecida em papeis de “jovem ingénua” no cinema francês do pós-guerra, variando posteriormente de registo nos muitos filmes em que participou, colaborando, além de Audry (também em C'EST LA FAUTE D'ADAM e, num papel de menor relevo, LE SECRET DU CHEVALIER D'EON), com

Marcel Carné, René Clair, Gilles Grangier, Julien Duvivier, Henri Decoin, Sacha Guitry ou Anatole Litvak, até terminar sob a direção de Hitchcock em TOPAZ (1968).

▶ **Sábado [16] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

▶ **Segunda-feira [18] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

## LES PETITS MATINS

de Jacqueline Audry

com Agathe Aëms, Arletty, Gilbert Bécaud, Francis Blanche, Jean-Claude Brialy

França, 1961 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Filmado na estrada nacional 7 em setembro de 1961, é o road movie de Jacqueline Audry também conhecido por “Mademoiselle Stop”. À boleia estrada fora, a jovem Agathe atravessa a França rumo ao sol e ao mar da Côte d’Azur no périplo de pequenas aventuras e encontros que molda um novo retrato na galeria de mulheres independentes da realizadora. Distinta das personagens históricas com pergaminhos sociais, é uma protagonista ao comando da sua viagem contemporânea. Audry assinará apenas dois outros filmes para cinema, LES FRUITS AMERS e LE LIS DE MER. LES PETITS MATINS “amplia o nosso olhar sobre a Nouvelle Vague com um filme realizado em cenários naturais, com um ator da Nouvelle Vague (Brialy) mas centrado numa mulher que se diverte, se faz à estrada e, em contraste com muitas heroínas da Nouvelle Vague, não é castigada por isso” (Ginette Vincendeau).

## FILMOGRAFIA JACQUELINE AUDRY

### REALIZAÇÃO

Les Chevaux du Vercors, França, 1943 (cm)

Les Malheurs de Sophie, França, 1945

Gigi, França, 1948

Sombre dimanche, França, 1948

Minne, l’Ingénue libertine, França, 1950

Olivia, França, 1950

La Caraque blonde, França, 1952

Huis-clos, França, 1954

Mitsou, França, 1956

C’est la faute d’Adam / Adão Teve a Culpa, França, 1957

L’École des cocottes, França, 1957

La Garçonne, França, França, 1957

Le Secret du chevalier d’Eon / O Segredo do Cavaleiro d’Eon, França, Itália, 1959

Cadavres en vacances / Pas si folles les guêpes!, França, 1961

Les Petis matins / Mademoiselle stop, França, 1961

Fuits amers, França, Itália, Jugoslávia, 1966

Le Lis de mer, França, Itália, 1969

### ANOTAÇÃO

L’Abbé Constantin / O Abade Constantino, Jean-Paul Paulin, 1933

Étienne, Jean Tarride, 1933

Pas Besoin d’argent, Jean-Paul Paulin, 1933

Nous ne sommes plus des enfants, Augusto Genina, 1934

Toboggan / O Último Combate, Henri Decoin, 1934

Les Bateliers de la Volga / Os Barqueiros do Volga, Vladimir Strijewsky, 1935

Fanfarre d’amour / Fanfarra de Amor, Richard Pottier, 1935

La Mascotte / A Mascote, Léon Mathot, 1935

Ni oui ni nom, Maurice Kéroul, Georges Monca, 1935

Taxi de minuit, Albert Valentin, 1935 (cm)

La Dernière Valse, Léo Mittler, 1936

Mister Flow / Um Advogado em Calças Pardas, Robert Siodmak, 1936

La Peur / Vertige d’un soir, Victor Tourjansky, 1936

Forfaiture / A Marca de Fogo, Marcel L’Herbier, 1937

Mademoiselle Docteur / Salonique, nid d’espions / A Mulher que Destruiu Salónica, Georg Wilhelm Pabst, 1937

Nuits de feu / Noites de Fogo, Marcel L’Herbier, 1937

Tovarich (Cette nuit est notre nuit), Anatole Litvak, 1937

Yoshiwara / Honra Japonesa, Max Ophüls, 1937

Balthazar, Pierre Colombier, 1938

Le Mensonge de Nina Petrovna / A Mentira de Nina Petrovna, Victor Tourjansky, 1937

Barnabé / Barnabé, Alexandre Esway, 1938

Le Drame de Shanghai, Georg Wilhelm Pabst, 1938

Départ à zéro, Maurice Cloche, 1941

### ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO

Le Roman de Werther / Werther, Max Ophüls, 1938

L’Esclave blanche / A Escrava Branca, Marc Sorkin, 1939

Jeunes filles en détresse / Lei Sagrada, Georg Wilhelm Pabst, 1939

Les Musiciens du ciel, Georges Lacambe, 1939

Paris-New York, Yves Mirande, 1939

Elles étaient douze femmes, Georges Lacombe, 1940

L'Assassin a peur de la nuit / O Assassino Teme a Noite, Jean Delannoy, 1942

## OUTROS

Le Rondon, André Berthomieu, 1960 (cm) *Actriz*

Le Bonheur conjugal, 1965 *televisão, 13 episódios de 26 minutos*

Le Socrate, André Robert Lapoujade, 1967 *autora dos diálogos*

Un grand amour de Balzac, 1973 *série televisiva correalizada com Wojtek Solarz*

## fontes:

Cinémathèque Française Ciné-Ressources;

Brigitte Rollet, *Jacqueline Audry, la femme à la caméra*. Rennes: ed. Presses Universitaires de Rennes, 2015

## CALENDÁRIO DO CICLO

### ▶ 8 SEXTA-FEIRA

21H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

OLIVIA

JACQUELINE AUDRY

### ▶ 9 SÁBADO

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

LES CHEVAUX DU VERCORS

LES MALHEURS DE SOPHIE

JACQUELINE AUDRY

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

MINNE, L'INGÉNUÉ LIBERTINE

JACQUELINE AUDRY

### ▶ 11 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

LES CHEVAUX DU VERCORS

LES MALHEURS DE SOPHIE

JACQUELINE AUDRY

### ▶ 12 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

MINNE, L'INGÉNUÉ LIBERTINE

JACQUELINE AUDRY

### ▶ 13 QUARTA-FEIRA

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

HUIS-CLOS

JACQUELINE AUDRY

### ▶ 14 QUINTA-FEIRA

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

L'ÉCOLE DES COCOTTES

JACQUELINE AUDRY

### ▶ 15 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

HUIS-CLOS

JACQUELINE AUDRY

### ▶ 16 SÁBADO

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

LES PETITS MATINS

JACQUELINE AUDRY

### ▶ 18 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

L'ÉCOLE DES COCOTTES

JACQUELINE AUDRY

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

LES PETITS MATINS

JACQUELINE AUDRY

### ▶ 20 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

OLIVIA

JACQUELINE AUDRY

#### PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Preço dos bilhetes: 3,20 euros  
Estudantes, Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos: 2,15 euros

Amigos da Cinemateca, Estudantes de Cinema: 1,35 euros  
Amigos da Cinemateca – marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira:  
de segunda a sábado das 13h30 às 16h00 e das 17h30 às 19h30, – tel. 213 596 262

Venda online em [cinemateca.bol.pt](http://cinemateca.bol.pt)  
Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

#### BIBLIOTECA

Segunda – Sexta-feira, 14h00 – 19h30

#### ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda – Sábado, 13h00 – 22h00 (213 540 021)

Restaurante-Bar, Segunda – Sábado, 12h30 – 01h00

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida

Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa

[www.cinemateca.pt](http://www.cinemateca.pt)